

"Garanto que vou isentar a Bolsa da CPMF"

Energia

Valor: O sr. está falando do cenário do próximo ano, mas o que se poderia esperar com o racionamento de energia em véspera de eleição?

FHC: Só tem uma possibilidade de haver racionamento no ano que vem: se não chover dramaticamente. Não tem jeito, nosso sistema é hídrico.

Valor: Já há quem fale que o governo poderia prorrogar o racionamento ao longo do verão, de uma forma mais mitigada, para permitir uma recomposição do nível dos reservatórios. Isso é mesmo possível?

FHC: Pode ser. Nesse momento, todos os dados que temos são positivos. A economia de energia superou a nossa expectativa.

Valor: Como sociólogo, o sr. tem alguma explicação para a adesão popular ao programa de economia? O sr. acha que foi só medo do corte de energia?

FHC: Não. Essa é a diferença do Brasil para a Argentina. Vocês se lembram dos fiscais do Sarney. O povo embarcou nessa proposta. Veio a tentativa de subida de preços por causa da desvalorização. Houve reação da população. Quer dizer, existe aí uma capacidade de ação conjunta grande. E isso é uma coisa nacional. Há países que têm essa capacidade de reação conjunta. A França tem. A Inglaterra tem. Outros não têm. Uma preocupação com o destino comum. Aqui toda hora cobram: é preciso um projeto nacional. Isso já existe, em grande proporção. E talvez tenha contribuído o fato de sermos uma sociedade de massa, tão desagregadora, mas nessa etapa que vivemos ainda não somos como os americanos, no sentido de que o individualismo aqui ainda não é valorizado. No momento em que se vê que as forças de desagregação são grandes, talvez tenha havido uma volta a valores antigos, de vamos ficar juntos.

Valor: Todo mundo está economizando energia, embora todos também estejam reclamando muito do governo. Culpando muito o governo...

FHC: Mas quando não se culpa o governo? Nos Estados Unidos, cai o Nasdaq, ninguém vai pensar que o presidente é o culpado. Aqui, se cai a Bolsa, automaticamente eu sou o culpado. Qual quer crise que tem aqui, é o governo. E, se possível, o presidente. Também faz parte da nossa cultura. Da cultura que é agregativa. Precisa do grande pai. Que tem um lado bom, que é esse da solidariedade. E tem um lado mau, você delega sempre as responsabilidades para o outro. E não obstante atua de maneira cooperativa. O Itamar Franco disse: "Melhor não fazer o racionamento. Aqui não vamos fazer." Os mineiros economizaram muito mais do que o resto. Certamente, não pelo que o Itamar disse.

Valor: Uma outra observação de empresários de São Paulo é que essa crise de energia acabou revelando uma capacidade de administração de crises no governo...

FHC: Mas sempre houve isso. Perguntaram numa entrevista: "O sr. não vai ficar conhecido como o presidente do apagão?" Não. Vou ficar conhecido como o presidente que enfrentou o apagão. Que superou a crise. O que foi feito de mobilização no governo para poder responder a essa crise é brutal. Porque a capacidade técnica de que o Brasil hoje dispõe é muito grande. Essa história toda da energia foi muito mal veiculada. O que realmente aconteceu no negócio de energia basicamente foi a chuva. Não tem outra explicação. É verdade que o problema de como viabilizar o gás para as termelétricas estava atrasado. Só que agora nós estamos segurando o gás. Por quê? Porque não tem gás suficiente. Nós sempre temos umas idéias salvadoras para o Brasil. O gás! Não tem gás. Vamos disponibilizar gás para os próximos dois, três anos para poder gerar no máximo 10 mil megawatts. Estamos até segurando. Vamos implantar 15 termelétricas. É o suficiente para poder resolver até 2003.

Valor: E preenche a oferta de gás?

FHC: Preenche. Depois nós vamos crescer nessa área. Disseram que não tinha turbina. Mentira. Está cheio de turbina. Todo mundo quer vender turbina. Estão oferecendo turbina. Segunda crítica: investimento em hidrelétrica. Nós investimos muito. E vamos continuar. Não precisa fazer nada novo. Já está sendo feito. A potência instalada no Brasil é de 75 mil megawatts. O máximo que se consumiu foi 58 mil. E hoje está se consumindo uma base de 50 mil. Então, tem motor sobrando aí. Não tem gás. Falta água.

Valor: Qual é a responsabilidade do governo nisso?

FHC: Como é que funciona esse troço? Quando é que o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) dá o sinal de alerta? Quando você tem o risco de ter mais de 5% de probabilidade das chuvas médias serem menores que a média dos últimos vinte anos. Quando a chuva está abaixo da média dos últimos 20 anos, é perigoso. Em dezembro, as chuvas eram muito boas. O ONS informou à Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) que 2001 seria melhor que 2000. A Aneel deve ter informado o ministro. Que deve ter informado o governo. Nunca procurei esse detalhe. Porque não estávamos preocupados com a água. Quando eu disse que era surpresa, é por isso. Todo mundo fala: "Ah, mas a crise da energia..." Não. Estavam errados. A crise que se apontava, nós tínhamos combatido. Aumentar a potência, trazer o gás. A crise estrutural. Essa é a que se sabia.

Valor: Mas não havia acompanhamento dos reservatórios?

FHC: O que não se sabia é que havia a possibilidade de os reservatórios ficarem a perigo. E por que ficaram a perigo? Aí, sim, eu acho que tem responsabilidade. Porque se usou predatoriamente durante muitos anos a água dos reservatórios. De tal maneira que caducou esse critério de 5% abaixo da média, que é razoável, quando você tem água, quando o regime é plurianual. Mas nós já estávamos funcionando num regime anual. Ou seja, pouca chuva num ano passa a ser dramático, aí devia ser outro critério. Aí é erro técnico. Não é do governo. É do ONS. São os técnicos.

Valor: Mas não havia previsão sobre as chuvas neste ano?

FHC: No dia 12 de março foi a primeira vez que apareceu um relatório do ONS para a Aneel, eu li depois e dizia o seguinte: as chuvas pararam. Pararam. Mas não propuseram racionamento. Fizeram reuniões e concluíram que tinham que esperar até o dia 30 de abril, que era o fim da estação chuvosa. Era tão irregular o que estava acontecendo que eles não acreditavam que fosse continuar assim. Quando fizeram a reunião no dia 30 de abril, já vieram com a proposta de apagão. Aí fui eu que disse: "Não, isso aí é inviável." Eu fui para televisão e disse que em vez de haver apagão aí ser racionamento. Fui eu que mudei esse negócio. Estavam se preparando para o apagão. O David (Zylbersztajn), e disse: o que é isso? Ele chamou várias pessoas, chamamos o ministro José Jorge (de Minas e Energia), fizeram cálculos durante quatro, cinco dias e vieram com o plano de racionamento. Mas a questão mesmo é a quanto ao regime hidrelétrico. E não tem solução para isso. Porque 92% do nosso sistema de energia é hídrico. Qual é a solução? É essa: aumentar a água nos reservatórios.

Empresários

Valor: Complementando uma pergunta anterior: por que o governo não cria câmaras de emergência como fez para a crise de energia para atuar em outras áreas, como o comércio exterior?

FHC: Aí tem um dado que você precisa levar em consideração. O Estado não pode substituir o empresário. Nosso empresariado não vende lá fora. Então, não tem jeito. Assim como você diz da Argentina que não tem jeito porque o país não tem élan, o nosso empresariado não sai daqui. Não

é o governo. O Estado não é para isso. Não é o Estado americano que vende. Ele apenas apóia.

Valor: O sr. acha que a noção de prioridade da exportação está dada...

FHC: Desde que assumi. A produção agrícola cresceu violentissimamente no Brasil. É uma commodity de exportação. Mas cresceu brutalmente. Dobrou. Quase dobrou. Diziam que era o câmbio que impedia exportações. Câmbio mais protegido do que esse, impossível. Querem menos imposto. Eles não pagam um tostão de imposto. Sabe o que aconteceu agora? O Everardo (Maciel, secretário da Receita Federal) deve ter dito a vocês. Propusemos a mudança do sistema tributário para beneficiar os exportadores. Vários parlamentares nos disseram: "Não mexe com isso, porque está bom do jeito que está."

Valor: Os empresários reclamam?

FHC: Olha, o empresário chora muito. Muito mesmo. Como é que eu vou vender coisas fora do Brasil? Eles é que têm que vender. Sabe por que não vendem? Porque o mercado interno é muito grande. Qual é a explicação? O câmbio não está bom para o exportador?

Valor: Há outras explicações: muitos países estão em desaceleração econômica e importando menos.

FHC: O ponto é o seguinte: chega de chorar. O que o empresário faz? Toda vez que se reúne: "O governo, o governo, o governo." Está bom. O que vocês querem? Câmbio tem. Não tem imposto na exportação. A mão-de-obra é barata. Tiramos o que é possível de entrave burocrático. Vendam!

CPMF

Valor: Mas a mudança do PIS/Cofins não saiu do jeito que o exportador queria e também não acabou a CPMF para o mercado de capitais como tinha anunciado o presidente do BC, Armínio Fraga. O que aconteceu?

FHC: Toda pessoa que trabalha no mercado de capitais é contra a CPMF. Assim como todo mundo que é racional. Agora, também se sabe que tirar R\$ 18 bilhões da arrecadação tributária é inviável. Queriam duas coisas. Uma vai ser feita: isenção na Bolsa.

Valor: Mas por que a isenção da CPMF na Bolsa não saiu ainda?

FHC: É uma questão de detalhe: é o modo de se poder fazer. Temos que aprovar primeiro a lei da PPE que está no Congresso para tratar da lei da intervenção do domínio econômico, que facilite depois mexer na CPMF. Eu não posso entrar em detalhes. Existem problemas quanto à isenção da CPMF nos fundos. Está sendo discutido como vai ser feito. Da Bolsa, eu garanto que vai ser feito. O outro eu não posso garantir, estão discutindo ainda, porque tem implicações grandes de aplicação. Aí, são bilhões. Ninguém gosta de pagar imposto. Muito menos as empresas. O empresário, você tem que levar com muita atenção. Porque chora muito.

Reforma tributária

Valor: Pode ser que os empresários reclamem muito, mas não há como contestar que a carga tributária aumentou muito desde o início do seu governo.

FHC: É verdade. De qualquer maneira, qual é o problema do Brasil? É fiscal. Como é que você faz isso? Aumentando a receita e cortando a despesa. Como é que você corta a despesa com essa Constituição? E como é que você muda a Constituição com o Congresso? Então, não tem jeito.

Valor: Mas o senhor tem maioria no Congresso.

FHC: Ah, ah, maioria para quê? Para fazer algumas coisas. Para outras não. Você não consegue mexer na Constituição da República em nada. Nada. Zero.

Valor: O sr. tinha maioria para fazer a reforma tributária.

FHC: Isso é outra coisa injusta. A reforma tributária não passa porque



FHC: "O empresariado chora muito. Muito mesmo. Como é que eu vou vender coisas fora do Brasil?"

os interesses são contraditórios. Profundamente contraditórios.

Valor: O sr. não tem condições de fazer a reforma?

FHC: Quem está dizendo é você. O pressuposto da discussão sobre a reforma tributária foi racionalizar, aumentar a base, mas sem diminuir a massa arrecadada. Porque senão, não fecham as contas. E se for para diminuir a massa, pára a educação, a saúde, a construção de estradas.

Valor: Agora, só vai passar essa prorrogação da CPMF?

FHC: Eu não sei. Acho que passam outras coisas. O negócio da PPE passa. A mudança no ICMS não passa. Mas não passa nunca. Nunca. Porque as pessoas querem coisas diferentes. Os empresários têm razão nesse caso. ICMS é uma irracionalidade. É um imposto que traz uma distorção muito grande, muitos custos. É inviável. Por que é que não passa? Porque os Estados querem guerra fiscal. E querem ter o controle direto da burocracia sobre a arrecadação. É poder. Então, não é questão do que eu não quero. Eu não sou prejudicado com isso. Eu quero. Mas os outros que se imaginam prejudicados não deixam fazer. Abrimos mão da discussão de origem e destino. Para facilitar. São Paulo não deixa passar se for destino. Ainda agora ouvi o Fernando Dall'Acqua (secretário da Fazenda de São Paulo) dizer que não houve acordo depois de terem concordado. Então, não vai passar.

Valor: É possível mexer no ISS? São cinco mil prefeituras.

FHC: É a mesma coisa. Mas não é dizer que o governo não quer. Isso não é justo. O governo quer. Agora, traduzir os interesses que são tão intrincados...

Valor: E esse acordo que se produziu no Congresso?

FHC: Que acordo? Depois, como é que você governa o Brasil? Saúde, educação, transporte. Não haverá mais recursos para essas áreas. Os empresários estão avançando, a indústria cresce. A

agricultura cresce. Recolha, paga imposto, cresce. Eu, como político, entre fazer uma medida que eu sei que é melhor para a gente, mas que vai impedir que continue gastando com educação, saúde, não vou fazer.

Valor: Segundo especialistas, como o José Roberto Afonso, do BNDES, a única hipótese de tentar mexer na estrutura tributária e fiscal é quando o país estiver crescendo 4% ou 5% ao ano. Daí gastando os impostos, os penduricão...

FHC: Talvez. Já não temos muito imposto. Já mexemos em algumas alíquotas.

Valor: Para cima.

FHC: Não. Existe isenção de imposto em grande quantidade. E as pessoas físicas pagam pouco imposto no Brasil. Nos Estados Unidos, na França, na Inglaterra, se paga muito mais imposto do que no Brasil.

Valor: Mas o sr. está comparando o Brasil com países ricos.

FHC: Relativize da forma que quiser. Agora, existe uma teoria moderna dizendo que é "ruim" ser progressivo o imposto. O Everardo tem essa teoria... O Everardo e todo mundo: você tem que diminuir o imposto, pagar menos... Antigamente, na Europa, qual era a briga? A esquerda queria aumentar imposto, a direita queria cortar imposto. Aqui no Brasil, todo mundo é contra impostos. Os sindicatos deveriam ser a favor dos impostos... Os democratas de esquerda são a favor de mais impostos, porque acham que é preciso haver distribuição de renda.

Valor: Por que o sr. não propõe o Imposto de Renda progressivo para a pessoa física?

FHC: Propus várias vezes no Congresso, quando fui senador. Perdi sempre.

Valor: Mas não agora, como presidente. Por que não sugerir que o Everardo faça um estudo a respeito?

FHC: Ele é contra... Vocês to-

dos também, porque acham que pagam muito.

Valor: É que as pessoas compararam o que pagam de impostos e o que recebem de volta.

FHC: Outra conversa fiada. Porque aqui você tem educação realmente gratuita para todo mundo. E saúde também, até para a Aids. Isso não é fácil. O Estado faz com o dinheiro que recolhe. Faz basicamente isso: paga juros, funcionários e o resto é tudo redistribuição. Volta tudo de uma forma ou de outra. Volta tudo para os municípios e os Estados, em gastos com educação, saúde, Previdência.

Valor: O problema é quando se compara o que as pessoas pagam de impostos com o que as empresas pagam.

FHC: Aí você tem que isentar mais para poder exportar...

Valor: Mas não existe mesmo a intenção de adotar alíquotas progressivas para o IR?

FHC: O Everardo é contra, vocês todos sabem disso.

Valor: Mas o sr. é o presidente

FHC: Ah, mas eu não sou bobo. Por isso sou o presidente.

Candidato do governo

Valor: Voltando à questão sucessória, só para concluir, quando sai o nome do candidato do governo? O ministro Pedro Malan tem chance?

FHC: Ele não é do meu partido.

Valor: Mas pode se filiar.

FHC: Se ele se filiar, vou considerar.

Valor: Fala-se sempre que o Malan é o candidato do coração. Existe isso?

FHC: Meu coração é de pedra.

Valor: Talvez por isso mesmo não seja do Malan.

FHC: Aí seria do Everardo.

Valor: E os ministros candidatos, vão sair mesmo em dezembro?

FHC: Sim, todos.

Valor: Mas não existia a hipótese de o Serra sair apenas em abril?

FHC: E quem disse que o Serra é candidato? (risos)